

**FESTIVAL DE DOCUMENTARIO MELGAÇO: POR QUE
DOCUMENTARIO/ETNOGRÁFICO E SOCIAL. ENTREVISTA COM
CARLOS EDUARDO VIANA**

José S. **Ribeiro**¹
Cornelia **Eckert**²

Resumo

Entrevista com o cineasta Carlos Eduardo Viana, coordenador do MDOC-Festival Internacional de Documentários de Melgaço organizado pela Associação AO NORTE.

Palavras-Chave: Festival de Documentário, Filme Etnográfico, Filme Social, Melgaço, Portugal.

**MELGAÇO DOCUMENTARY FESTIVAL: WHY
DOCUMENTARY/ETHNOGRAPHIC AND SOCIAL. INTERVIEW WITH
CARLOS EDUARDO VIANA**

Abstract

Interview with filmmaker Carlos Eduardo Viana, coordinator of the MDOC-International Festival of Documentaries of Melgaço organized by AO NORTE Association.

Keywords: Documentary Festival, Ethnographic Film, Social Film, Melgaço, Portugal.

Recebido em: 1º de novembro de 2022

Aceito em: 1º de dezembro de 2022

De 1 a 7 de agosto de 2022, José S. Ribeiro e Cornelia Eckert participaram do MDOC-Festival Internacional de Documentários de Melgaço organizado pela AO NORTE - Associação de Produção e Animação Audiovisual e pela Câmara Municipal de Melgaço, que tem por objetivo promover e divulgar o cinema etnográfico e social, refletir com os filmes sobre identidade, memória e fronteira e contribuir para um arquivo audiovisual sobre o território.

Este evento existe desde 2014 e mobiliza uma ampla comunidade de cineastas e documentaristas da Europa e outros continentes, com particular relevo da América Latina. Com grande envolvimento da comunidade local o festival tem o charme de ser pequeno e grandioso, local e global, uma experiência inesquecível.

¹ AO NORTE e ID+ Instituto de Investigação em Design Cultura e Media. Instituto Politécnico do Cávado Ave, Barcelos, Portugal. jsribeiro.49@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-9562-9845>

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil. chicaeckert@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-2815-7064>

Melgaço se situa no extremo noroeste de Portugal, na região do Alto Minho no distrito Viana do Castelo. A vila de Melgaço, sede do “concelho”, tem uma população de cerca de 1600 habitantes. Aí se situam os órgãos de administração, as escolas, o museu de cinema Jean-Loup Passek (Espaço Memória e Fronteira), o Solar do alvarinho e as principais estruturas económicas e financeiras, o Castelo e respectiva Torre de Menagem, a escultura de Inês Negra - figura lendária popular da região de Melgaço ligada às lutas de Portugal com Castela.

O festival recebe desde 2014 uma média de cerca de 1000 filmes, entre 30 e 40 convidados e 3045 participantes nas diversas atividades culturais - cursos e oficinas, residências artísticas – fotográfica e cinematográfica, exposições, lançamento de livros. Os participantes também são convidados para conhecer o Museu do Cinema Jean-Loup Passek e o Solar do alvarinho no centro histórico da Vila recepcionados pela banda local, bem como assistir o encerramento ao ar livre no castelo. Entre outras atividades, ocorre o evento Fora de Campo - curso de Verão centra-se na temática geral do Festival - Identidade, Memória e Fronteira e aborda cada ano temáticas diferente a partir de projetos de pesquisa e de produção audiovisual e de narrativas digitais. Procura-se também articular e pôr em contacto experiências criativas de proveniências diversas – de cineastas, associações científicas e artísticas e investigadores de universidades e produtores culturais, países e continentes diversos. A temática geral em 2022 foi Antropologia Visual/Antropologia e Cinema, homenageando duas figuras eminente neste campo Benjamin Enes Pereira e Marc-Henri Piault e, procurando por em contato as abordagens da América Latina – Brasil e México com as da Europa – Portugal e Espanha. Participam como orientadores do curso professores e investigadores de universidades e centros de pesquisa dos países referidos. A conceção e organização do curso é partilhada com colegas provenientes dos centros de pesquisa e universidades referidos e com quem se mantém na rede de cooperação.

Quem participa do festival pela primeira vez em um dos cursos, observa que a maioria das pessoas já se conhecem, pois, o festival costumar atrair um público fiel vindo das proximidades, de Espanha, França, Itália, Brasil, México que aproveitam o momento de reencontro com inúmeras sociabilidades lúdicas, participação noutros eventos e em reuniões de trabalho em projetos de cooperação académica.

Encantados com a organização e conteúdo do festival, optamos por entrevistar o seu principal organizador, o cineasta Carlos Eduardo Viana. Para isso enviamos um roteiro de entrevista que Carlos generosamente correspondeu. Antes de darmos a palavra

para Carlos, vamos apresentar uma breve biografia, para que o leitor e a leitora se familiarizem com o nosso convidado.

Breve biografia

Carlos Eduardo Viana (n. 1953) fez o curso superior de Cinema e Vídeo na ESAP, Escola Superior Artística do Porto, e possui uma licenciatura em ensino (Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal). Foi bolsista do governo francês, oportunidade em que frequentou, nos Ateliers VARAN, em Paris, dois estágios de cinema direto (iniciação, em 1982, e aperfeiçoamento, em 1986).

Exerceu o cargo de Orientador Educativo na Escola Profissional do Minho, Esprominho, e funções docentes (1995/2003), onde lecionou a disciplina de Integração e de Técnicas Audiovisuais.

Possui o Certificado de Aptidão Pedagógica de Formador (n.º EDF 6688/98 DN).

Foi um dos fundadores e dirigentes da ARCA-Associação Recreativa e Cultural de Antas e, em 1989, da RIO NEIVA-Associação de Defesa do Ambiente. Fundou a Oficina de Cinema e Audiovisuais do Centro Cultural do Alto Minho (1981 a 1994) e, em 1994, a AO NORTE - Associação de Produção e Animação Audiovisual, de que é dirigente.

É diretor, desde 2001, dos Encontros de Cinema de Viana Castelo e, desde 2002, coordena as atividades pedagógicas desenvolvidas pela AO NORTE na área da literacia para o cinema. Coordena, desde 2009, o portal na Internet Lugar do Real e, desde 2014, é diretor do MDOC-Festival Internacional de Documentário de Melgaço.

É Presidente da Assembleia Geral da Fora de Campo Filmes e exerceu funções docentes (grupo 200) no Agrupamento de Escolas António Rodrigues Sampaio até 2020, ano em que se aposentou. Nesse contexto orientou os projetos de literacia cinematográfica e audiovisual “Lanterna Mágica” e “WEBvideopost”.

Com a palavra, Carlos Viana:

A opção pelo documentário como matriz do MDOC-Festival Internacional de Cinema de Melgaço³ está ligada às atividades que a Associação AO NORTE⁴, entidade

³ <http://mdocfestival.pt/pt/>

⁴ <https://www.ao-norte.com/>

que organiza o festival, tem desenvolvido ao longo dos seus vinte e sete anos de atividade e também às opções e percursos pessoais de quem dirige o evento. Em relação à AO NORTE, o interesse pelo cinema do real e a produção de documentários sempre esteve inscrita nos seus planos de atividades, tendo iniciado uma produção regular a partir de 2002, que conta, atualmente, com vinte e sete filmes realizados. Uma produção marcada por aquilo que se poderá considerar um olhar etnográfico e antropológico, muitas vezes definida pela urgência do registro do mundo rural português em acelerada mutação (“O Fole, um objecto do quotidiano rural”⁵), por um olhar sobre a cultura popular dando voz aos seus representantes (“Desafios”⁶), uma câmara mais observacional (“S. João d’Arga”⁷) ou, no âmbito da educação para o desenvolvimento, a produção de documentários em colaboração com o Gabinete de Estudos para a Educação e Desenvolvimento da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, em Cabo Verde (“Caminhu Ku Futuru”⁸) e Angola (“O Voo do Humbi-Humbi”⁹) e com a ONGD Leigos para o Desenvolvimento, em Moçambique (“O Dia de Amanhã”¹⁰). Os últimos documentários produzidos pela AO NORTE, uma série sobre cultura para a Comunidade Intermunicipal do Alto Minho, já assumem objetivos mais pedagógicos, ligado à divulgação cultural de temas que vão da arte megalítica à idade contemporânea.

A produção de documentários levou a AO NORTE a criar uma plataforma na Internet, o “Lugar do Real”¹¹, onde todos os filmes produzidos estão alojados e podem ser visionados em *streaming*. Com a criação desta plataforma de livre acesso, pretendeu oferecer uma alternativa ao acesso e valorização do documentário, alargar o visionamento a obras condenadas a uma divulgação residual, a registos na área da antropologia visual, depoimentos, memórias, entrevistas, imagens de arquivo, partilhar em formato digital filmes em 8mm com valor histórico e cultural (Século XX em 8mm), divulgar a fotografia documental, entendida como memória do séc. XX, com especial atenção aos álbuns de família e divulgar os vídeos realizadas por crianças e jovens no contexto da formação em literacia cinematográfica.

Para além da produção, o interesse pelo documentário atravessa outras iniciativas. No plano da formação, através da oficina “Olhar o Real”, um espaço de aprendizagem e

⁵ <http://lugardoreal.com/video/o-fole-um-objecto-do-quotidiano-rural>

⁶ <http://lugardoreal.com/video/desafios>

⁷ <http://lugardoreal.com/video/s-joao-darga>

⁸ <http://lugardoreal.com/video/caminhu-ku-futuru>

⁹ <http://lugardoreal.com/video/o-voo-do-humbi-humbi>

¹⁰ <http://lugardoreal.com/video/o-dia-de-amanha>

¹¹ <http://lugardoreal.com/>

de experimentação através da realização de documentários em vídeo digital. Com um programa de estudo fundamentalmente prático sensibiliza os interessados para aspetos da realização vídeo-cinematográfica na área do documentário contemporâneo. Esta ação formativa tem sido integrada na ementa de cursos profissionais ligados à imagem e em cursos superiores de artes. Ao longo de três meses, com uma carga horária que contempla duas aulas semanais, são abordadas as áreas da câmara, som, iluminação, realização e montagem. Para concluir a Oficina “Olhar o Real”, cada participante colabora na realização de um documentário e desenvolve um projeto pessoal no campo do documentário de criação.

A importância dada ao documentário pode ser encontrada também na preocupação com a inclusão de filmes na programação regular em sala no âmbito das sessões cineclubistas e em duas iniciativas anuais: os “Encontros de Cinema de Viana”¹² e o “Montaria-Documentário e Património”¹³. Os “Encontros de Cinema de Viana” terá a sua vigésima terceira edição em 2023 e assume-se como um espaço de partilha, formação e debate em que se encontram investigadores, estudantes de cinema e das escolas da região, cineclubistas de Portugal e da Galiza e público em geral, enriquecido com a participação ativa de profissionais ligados ao cinema. Com a secção “Olhares Frontais” dedica uma grande importância ao documentário e, no âmbito deste festival, criou o “Prémio PrimeirOlhar”, a mais antiga secção competitiva portuguesa com o objetivo de premiar o melhor documentário realizado por alunos de escolas de cinema, de audiovisuais e comunicação, ou por participantes em cursos de documentarismo promovidos por outras entidades de Portugal, da Galiza, do Brasil e dos outros países de língua oficial portuguesa. Com o “Montaria”, uma iniciativa promovida anualmente numa freguesia de montanha do concelho de Viana do Castelo, reflete, com o documentário, sobre o mundo rural.

Quando a AO NORTE aceitou o convite para organizar um festival de cinema em Melgaço, o documentário foi uma opção que resultou do conhecimento da história recente e das características do território, muito marcado pela forte emigração clandestina para a Europa a partir da década de 1950 devido a dificuldades económicas, por profundas desigualdades sociais e pela fronteira extensa e diversificada com Espanha que permitiu o contrabando durante a ditadura de Salazar. Este passado histórico cruzado com a reflexão sobre os valores e linhas de força que poderiam sustentar um evento que fosse

¹² <http://www.encontrosdecinema.pt/>

¹³ <https://www.ao-norte.com/montaria.php>

uma experiência singular e diferente dos outros festivais de cinema, fazem surgir os temas fundadores do MDOC: identidade, memória e fronteira. Temas universais e fortemente relacionados com a região, são considerados de um modo muito abrangente. Como exemplo, refira-se que o tema “fronteira” tanto pode ter uma leitura “geográfica”, como “psicológica”, ou mesmo do “pensamento”.

O MDOC pretende, desde a primeira edição, promover o documentário etnográfico e social. Etnográfico não no sentido etnológico do documentário que descreve artes tradicionais, costumes ou tradições, ou em que o outro é um simples objeto de estudo e conhecimento, mas em que existe uma relação de encontro e de abertura entre o realizador e quem é filmado. O festival acolhe e seleciona filmes que mostram o ponto de vista dos autores sobre questões sociais, individuais e culturais que emergem de um mundo em constante mudança e desafiam os espectadores a responderem a questões que são universais, como: “Como é o mundo em que vivemos”; “Qual é o meu lugar nele?”.

Por que um curso de verão num festival

O curso de verão, a que chamamos “Fora de Campo”, surgiu pelo entendimento de que não basta mostrar filmes, mas também pensar o cinema e as relações que estabelece com outras áreas do conhecimento e com a comunidade. O “Fora de Campo” assume-se como um encontro de reflexão e debate multidisciplinar para que são convocadas as Ciências Sociais, as Artes e as Ciências da Comunicação.

O curso de verão tem um calendário dividido por conferências, seminários, oficinas práticas e o visionamento dos filmes que constam da programação do MDOC. Incentiva a colaboração entre os Grupos de Investigação/Pesquisa que participam no Festival e, nas suas últimas edições já propôs reflexões em torno dos temas “Identidade(s) - diferença e repetição”, “Identidade e Memória”, “Narrativas Contemporâneas”, “Narrativas na Primeira Pessoa”, “Antropologia Visual/Antropologia e Cinema”.

O “Fora de Campo” tem contado com a colaboração e a parceria de entidades de Portugal, Brasil, França, Estados Unidos e do México, nomeadamente o ID+ Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, Museu Nacional de Etnologia, MIRA FORUM, Cinemateca Portuguesa, Fundação Jean-Rouch, Festival Internacional do Filme Etnográfico do Pará, Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife e Festival International du Film Documentaire Après Varan, e contou com a participação de investigadores da Universidade da Beira Interior, Universidade Nova de Lisboa, CRIA –

Centro em Rede de Investigação em Antropologia da Universidade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, da Universidade da Beira Interior, Universidade Rey Juan Carlos (Espanha), Universidade de Múrcia (Espanha), ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (Brasil), Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia, DIVERSITAS - Universidade de São Paulo (Brasil), Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (Brasil), VISAGEM - Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem da Universidade Federal do Pará, Universidade Presbiteriana Mackenzie (Brasil), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil), Universidade Federal de Pernambuco (Brasil), European Film College (Dinamarca), CIESAS - Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (México) e InsightShare (México).

O curso de verão é organizado pelo Grupo de Estudos de Cinema e Narrativas Digitais¹⁴ da AO NORTE, um grupo de investigação que aborda o cinema e as narrativas digitais numa perspectiva interdisciplinar. Articula a sua atividade com o IPCA - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave e com os objetivos da unidade de investigação ID+ no âmbito da investigação, disseminação do conhecimento, produção audiovisual, trabalho com comunidades e desenvolvimento de projetos no âmbito da cultura visual, audiovisual e digital. O Grupo tem como objetivos: realizar estudos sobre o documentário, novo documentário e narrativas digitais; desenvolver projetos de pesquisa de incidência visual, audiovisual e sonora, de âmbito regional e de expansão às comunidades na diáspora e ao intercâmbio e integração em redes internacionais de cooperação e em grupos de pesquisa e Instituições de ensino superior integrados nestas redes; produzir e assumir a curadoria de objetos visuais, sonoros e audiovisuais em festivais, mostras e exposições. Tem produzido os ebooks com as comunicações das Conferências que organiza e vai lançar, brevemente, a revista digital “Cinemas”.

Além do “Fora de Campo”, organiza a Conferência Internacional de Cinema e participa no “Salto a Melgaço do Marajó, entre o Minho e o Amazonas”, um projeto de cooperação com Melgaço, cidade brasileira do Estado do Pará, situado no Arquipélago do Marajó, no Amazonas. Neste projeto colabora com o VISAGEM - Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem da Universidade Federal do Pará, com o Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual e o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à

¹⁴ <https://www.ao-norte.com/cinema-narrativas-digitais.php>

Educação da Universidade Federal de Goiás e o apoio da Prefeitura Local e desenvolve atividades com a comunidade e as instituições locais: Prefeitura, Escolas, Igrejas e Sindicato dos professores.

É também da responsabilidade do Grupo a realização e produção de iniciativas de pesquisa, recolha, inventariação, digitalização e arquivo de registos fotográficos e audiovisuais domésticos ou de relevância histórica e cultural, a manutenção do arquivo digital Lugar do Real, a concretização de atividades na forma de exposições, eventos públicos de discussão e divulgação e a produção de “Fotografias Faladas”¹⁵.

Que outras atividades no festival – educativas e de ligação à comunidade

As atividades que estruturam o Festival foram pensadas a partir das características de Melgaço e do seu território. Vila situada no extremo norte de Portugal, marcada por condições geográficas que deram origem a atividades como a transumância, Melgaço é sede de um concelho predominantemente rural, com cerca de 8.000 habitantes, a lutar contra o despovoamento. O MDOC, ao implantar-se numa localidade relativamente isolada, situada longe dos grandes centros urbanos e com uma população sem hábitos de ir ao cinema, desenhou-se à volta de alguns eixos que lhe dão consistência e individualidade. O primeiro, é a programação, com os filmes selecionados a partir das ideias-chave já referidas - identidade, memória e fronteira. São atribuídos os Prêmios Jean-Loup Passek para a melhor longa-metragem internacional, melhor curta ou média-metragem e melhor documentário português. Desde a edição de 2021 é atribuído, em colaboração com o Museu de Cinema de Melgaço, o Prémio Jean-Loup Passek para o melhor cartaz de cinema. A Federação Internacional de Cineclubes associou-se ao Festival e atribui o Prémio D. Quixote.

Outras iniciativas estruturantes do Festival são o curso de verão “Fora de Campo”, o “Plano Frontal” e o “Quem Somos os Que Aqui Estamos?”, projetos que procuram envolver e ligar as comunidades locais ao MDOC. O “Plano Frontal” consta de uma residência cinematográfica e de uma residência fotográfica que procuram contribuir para a criação de um arquivo audiovisual e fotográfico sobre o património imaterial de Melgaço e do seu território, para além de contribuírem para promover o filme

¹⁵ <http://lugardoreal.com/lugar-do-real?tag=ao-norte-fotografia-falada>

documentário, a fotografia documental e o aparecimento de novas equipas técnicas e artísticas.

A residência cinematográfica tem como destinatários os alunos em final de curso que frequentam Escolas do Ensino Superior de Cinema, de audiovisuais e de Comunicação, ou que tenham concluído recentemente a sua formação. Em cada edição são selecionados doze participantes que formam quatro grupos constituídos por um realizador, um diretor de fotografia e um técnico de som. Cada equipa realiza um documentário sob a orientação de Pedro Sena Nunes, o realizador/tutor que coordena a planificação das tarefas e obriga a uma reflexão sobre o trabalho produzido diariamente, com o apoio técnico, sempre que necessário, de um diretor de fotografia e de um técnico de som da AO NORTE. Dos vários temas propostos, cada equipa escolhe um, e a produção vai apoiar e agilizar a rodagem. A residência fotográfica seleciona três alunos de cursos superiores de fotografia e cada um será o autor de um projeto fotográfico. Os documentários¹⁶ produzidos em cada edição são estreados na edição seguinte do festival e são inauguradas as exposições de fotografia que resultaram do desenvolvimento dos projetos fotográficos.

O “Quem Somos Os Que Aqui Estamos?” é um projeto que interroga o espaço geográfico e a sociedade local, motivado pelas constantes transformações no tecido social e nas relações que as pessoas estabelecem com a sua terra devido às rápidas mudanças sociais, à emigração e à procura de outros locais em Portugal para viver e trabalhar. Em cada ano, é escolhida uma freguesia do concelho de Melgaço e, em colaboração com as autoridades locais e a população local, questionamos “quem somos os que aqui estamos”.

O projeto contempla a permanência na localidade e o trabalho de campo de um antropólogo, a produção de um projeto de fotografia documental, a respetiva exposição e edição do catálogo, a recolha, digitalização e catalogação de fotografias de álbuns familiares, a realização de “Fotografias Faladas”, vídeos onde as pessoas comentam uma fotografia em que estão representadas, a produção de exposições a partir das fotografias familiares e uma publicação final sobre o trabalho realizado.

Um dos slogans do festival, “Olhar o Mundo em Melgaço”, encontra a sua justificação na programação e nos realizadores e investigadores que participam no MDOC e nas redes internacionais de colaboração que se vão tecendo e consolidando ao longo dos anos. É o caso do “Salto a Melgaço do Marajó, entre o Minho e o Amazonas”.

¹⁶ <http://lugardoreal.com/lugar-do-real?tag=ao-norte-plano-frontal>

A AO NORTE, em colaboração com o VISAGEM - Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem da Universidade Federal do Pará, com o Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual e o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal do Goiás e o apoio da Prefeitura Local (Melgaço do Marajó, no Brasil) tem colaborado em atividades de pesquisa e ações com a comunidade e as instituições locais e favorecido o intercâmbio entre a Prefeitura de Melgaço do Marajó e a Câmara Municipal de Melgaço do Minho (Portugal) com visitas recíprocas.

Outra iniciativa levada a cabo no Brasil ao encontro de outras comunidades, é o “MDOC S. Paulo”. Através de um protocolo celebrado entre a AO NORTE e o DIVERSITAS – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, da Universidade de S. Paulo, no Brasil e a FATEC Cotia, Faculdade de Tecnologia (S. Paulo), tem sido organizado uma extensão do MDOC, que designamos por MDOC S. PAULO¹⁷, com o objetivo de promover e divulgar o cinema etnográfico e social propiciando a reflexão sobre identidade, memória e fronteira.

O público-alvo são estudantes universitários, investigadores, alunos de ensino médio, graduação e pós-graduação, grupos de comunidades e público em geral.

Por que Melgaço

O MDOC-Festival Internacional de Documentário de Melgaço surge a partir de um convite feito à AO NORTE pelo presidente da Câmara Municipal, Manoel Batista Pombal. Um convite ligado à existência do Museu de Cinema de Melgaço Jean-Loup Passek, um espaço museológico que acolhe, segundo alguns especialistas, a segunda maior coleção privada da Europa de documentos e aparelhos de cinema. O MDOC tem-se afirmado como uma marca cultural de Melgaço e contribuído para divulgar o valioso espólio do museu que deve a sua existência a Jean-Loup Passek.

Nascido em 1936, em Boulogne-sur-Seine, em França, Jean-Loup Passek licenciou-se em História e Geografia na Sorbonne, em Paris. Ligado afetiva e profissionalmente ao cinema foi diretor editorial do "Dictionnaire Larousse du Cinéma", conselheiro para o cinema do Centre Georges Pompidou, fundador e diretor do Festival de Cinema de La Rochelle e coordenador da "Caméra d'Or" do festival de Cannes. Durante toda a sua vida colecionou mais de cem mil fotografias, milhares de cartazes,

¹⁷ <https://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2020-g>

livros e um importante conjunto de aparelhos do período do designado pré-cinema. Jean-Loup Passek doou toda a sua coleção ao município de Melgaço devido à amizade que estabeleceu com a comunidade emigrante portuguesa em Paris, que conheceu quando filmava as obras no metrô. Um dos emigrantes por quem tinha uma forte relação de amizade era António Souto, de Melgaço. Este encontro marcou o início de uma ligação profunda a Portugal, que se viria a tornar na sua segunda pátria. Em 2005, a Câmara Municipal de Melgaço concretizou o seu sonho, a criação de um "museu sentimental" onde foi possível apresentar a sua coleção.

Como se deu tua aproximação ao cinema e percurso de formação

A vida é feita de acasos e encontros. Uma das marcas mais vivas da minha infância está ligada à primeira ida ao cinema, uma espécie de rito de iniciação por volta dos 9 anos. Do filme, “O Templo do Elefante Branco”, do realizador italiano Umberto Lenzi, sobrou poucas imagens. A recordação mais profunda liga-se ao Cinema Palácio. Inaugurado em 1950, foi uma importante sala de exibição. Imponente, com grandes espaços de acolhimento e uma decoração onde não faltavam pinturas a decorar paredes, grandes sofás e fotografias de artistas de cinema. Os botões dourados e os galões amarelos sobressaíam das fardas dos funcionários que asseguravam todo o mágico cerimonial. Um deles era abrir e fechar os pesados reposteiros vermelhos que separavam o *foyer* do universo mágico que alimentava sonhos e ilusões. Tinha começado a minha aventura com as imagens. A relação com o documentário começa mais tarde e por dois caminhos paralelos: a atividade cineclubista e a realização. Marco decisivo foi a Revolução de 25 de Abril de 1974, que abriu ao mundo um país com um atraso endémico, dominado pelos princípios salazaristas “Deus, Pátria e Autoridade”, vigiado pela polícia política, domesticado pela censura e a contas com a guerra colonial. Participar na revolução foi, para muitos jovens, a entrega a um trabalho militante na área do teatro, do cinema, da cultura. A atividade cineclubista e associativa em que participei foi um dos meios escolhidos para questionar, agitar comodismos, conhecer e mostrar filmografias desconhecidas e proibidas, romper com o passado. Em 1977 liguei-me ao movimento associativo e à dinamização cultural. Nesse ano colaborei na fundação da ARCA- Associação Recreativa e Cultural. A partir de 1981 a associação beneficiou da projeção de cinema, em 16mm, promovida pelo Centro Cultural do Alto Minho, uma cooperativa criada em consequência de um projeto de descentralização cultural da Secretaria de

Estado da Cultura. Iniciei uma colaboração regular com o Centro Cultural do Alto Minho, aonde fui um dos fundadores da Oficina de Cinema e Audiovisuais, a estrutura responsável por gerir todas as atividades ligadas ao cinema.

Na atividade da Oficina de Cinema 1987 foi um ano decisivo. Um protocolo celebrado com a empresa que geria o Cinema Palácio, permitiu a projeção em sala de cinema e uma oferta alargada devido ao formato de exibição, o 35mm. Com a Oficina de Cinema foi possível comprar a primeira câmara Super 8, projetor e acessórios de montagem, e realizar o meu primeiro documentário artesanal, “Memória de Um Banho Santo”, que registra um ritual na aldeia de S. Bartolomeu do Mar, em Esposende, e que é um dos exemplos mais significativos da perdurabilidade de componentes mágicas muito expressivas em cerimônias religiosas. Estava encontrado o caminho do cinema do real, que teve como primeiro guia Jean-Loïc Portron, formador do Centre de Recherche et Formation au Cinéma Direct, hoje Ateliers Varan, que a Secretaria de Estado da Cultura tinha trazido a Viana do Castelo para orientar uma oficina de cinema. Esta primeira experiência fez com que frequentasse, em 1981, um estágio de iniciação ao cinema direto nos Ateliers VARAN, em Paris, dirigidos por Jacques d’Arthuys, que em Portugal foi o autor do argumento do filme de Thomas Harlan, Torre Bela (1977). Pude conhecer Jean Rouch e realizar uma primeira experiência de cinema direto “Mouna, Un D. Quixote”. Em 1985, participei num estágio de aperfeiçoamento, onde já pude trabalhar com o 16mm e realizar “La Pleine Lune”.

Foi um tempo para conhecer o modo de Rouch trabalhar com a câmara e as narrativas assentes no improviso e provocação e no encontro com os filmes de Flaherty, Brault, A. Maysles e Leacock. Este encontro com o cinema direto foi decisivo na minha posterior atividade na área do cinema, que sempre partilhei com a atividade docente. Ainda nos anos 80, completei o curso superior de cinema e vídeo na ESAP, Escola Superior Artística do Porto.

A Oficina de Cinema do Centro Cultural do Alto Minho viria a terminar a sua atividade no início dos anos noventa e, em 1994, colaborei na fundação da AO NORTE - Associação de Produção e Animação Audiovisual. Com a AO NORTE foi possível criar uma estrutura que aliou a formação e a produção à atividade cineclubista. No princípio dos anos 2000, graças a um protocolo celebrado com a Câmara Municipal de Viana do Castelo, foi possível comprar uma câmara de vídeo com características profissionais e um dos primeiros equipamentos de edição da SONY, o que permitiu iniciar uma produção sistemática no âmbito do cinema etnográfico e social, a via escolhida pela AO NORTE.

O número de documentários já realizados só foi possível porque a Associação não tem fins lucrativos e a produção contou sempre com baixos orçamentos, ou mesmo inexistentes.

Do ponto de vista profissional iniciei a minha atividade docente em 1979, fui professor do 2.º Ciclo do Ensino Básico (Português e História) e, entre 1995 e 2003, exerci o cargo de Orientador Educativo na Escola Profissional do Minho, Esprominho, e funções docentes onde lecionei a disciplina de Integração e de Técnicas Audiovisuais. Aposentado em 2020, continuo a colaborar com a AO NORTE no desenvolvimento do seu plano de atividades.

Políticas públicas e sociais de formação em cinema para as novas gerações

A Associação AO NORTE, tendo como parceiro privilegiado a Escola, tem vindo a desenvolver, desde 2001, atividades relacionadas com a literacia fílmica junto das crianças e jovens. A experiência acumulada ao longo destes anos de trabalho com a população escolar está agora condensada no projeto “Escolas Em Grande Plano”¹⁸, que contempla atividades originais e diversificadas de literacia cinematográfica. São ações que decorrem ao longo do ano letivo, com diferentes objetivos pedagógicos e destinatários, atravessam todos os níveis de ensino e procuram desenvolver o interesse pelo cinema e o audiovisual, sensibilizar alunos e professores para estas formas de expressão e para as tecnologias associadas, proporcionar aos jovens os meios de análise, criação e de produção que permitam novas formas de expressão, sensibilizando-os para o cinema e para a cultura através do contacto com experiências marcantes e enriquecedoras para a sua formação cultural, artística e educativa.

As ações estão planificadas de maneira abranger as crianças e jovens do pré-escolar ao ensino superior, permitindo que a mesma turma possa participar em mais do que uma atividade.

O projeto inclui as ações “Oficina de Brinquedos Óticos”, “CINEREDE”; “Vamos Fazer Um Filme?”, “Os Lumière Na Sala de Aula”, “CINEpoesia”, “Histórias na Praça”, “O Filme da Minha Vida” e a participação no “Ação! - Festival Nacional de Vídeo Escolar”. Todas as atividades estão planificadas com a adequação dos conteúdos e objetivos aos diferentes grupos etários a que se destinam e procuram, sempre que isso se

¹⁸ <https://www.ao-norte.com/formacao.php>

justifica, articular a sua estratégia com o currículo. É o caso, por exemplo, da “CINEpoesia”, em que os alunos trabalham um texto poético com o professor e depois o transformam em narrativa audiovisual. Estas diversas atividades permitem uma pedagogia mais inclusiva, contribuindo para a formação dos jovens na linguagem, na análise e na realização cinematográfica.

O projeto educativo “Escolas Em Grande Plano” organiza-se em torno dos seguintes propósitos:

Possibilitar às crianças e jovens o encontro com o filme na sala de cinema valorizando-o enquanto arte e sensibilizá-las para as ligações que o cinema estabelece com outras formas artísticas;

- Criar públicos, dotados de sentido estético e crítico, abertos a uma cidadania participada, à democracia e à diversidade;
- Promover o gosto pela criação cinematográfica e audiovisual;
- Promover sinergias com projetos nacionais de educação para as artes, autoridades locais, as Escolas, as comunidades educativas e os agentes culturais.

As propostas de atividades que integram este projeto pedagógico para a literacia cinematográfica têm em consideração as orientações do documento do Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” e assentam no espírito do Plano Nacional das Artes (PNA) e do Despacho 65/2022, de 5 de janeiro, que Promove o Plano Nacional de Cinema e na Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC).

Cada uma das atividades formativas pode ser adaptada, sempre que possível, ao horário da turma, aos conteúdos da disciplina ou a outra proposta apresentada pelo(a) professor(a).

A avaliação é realizada ao longo do ano letivo à medida que cada atividade é concluída, metodologia que tem permitido adaptar as ações e introduzir novas estratégias, potenciando uma implementação mais eficaz.

Refira-se que todo o trabalho produzido no âmbito deste projeto é colocado para visionamento online na plataforma Lugar do Real, gerida pela AO NORTE.

O projeto “Escolas em Grande Plano” colabora com as Escolas inscritas no PNA (Plano Nacional das Artes) e no PNC (Plano Nacional de Cinema), quer através das atividades que organiza, quer exibindo filmes em articulação com as turmas.



Foto 1 – Carlos Eduardo Viana na abertura do Festival.



Foto 2 – Exibição de filme de diretor local a céu aberto no pátio do Castelo.



Foto 3 – Carlos Eduardo Viana recebe autoridades



Foto 4 – Visita ao Museu de Cinema Jean-Loup Passek



Foto 5 – Festa de encerramento



Foto 6 – Totem promovendo o evento



Foto 7 – Prof. José S. Ribeiro



Foto 8 – Centro cultural



Foto 9 – Grupo de participantes no festival

Filmografia

2021 - **DAS ARQUITECTURAS TRADICIONAIS** (HD, 30', 2021)

<http://lugardoreal.com/video/das-arquitecturas-tradicionais>

2021 - **DAS NAVEGAÇÕES** (HD, 33', 2021)

<http://lugardoreal.com/video/das-navegacoes>

2020 – **DAS FORTIFICAÇÕES** (HD, 30', 2020)

<http://lugardoreal.com/video/das-fortificacoes>

2020 - **DA ROMANIZAÇÃO** (HD, 30', 2020)

<http://lugardoreal.com/video/da-romanizacao>

2020 - **DO BARROCO** (HD, 35', 2020)

<http://lugardoreal.com/video/do-barroco>

2020 - **DO MEGALITISMO E ARTE RUPESTRE** (HD, 40', 2020)

<http://lugardoreal.com/video/do-megalitismo-e-arte-rupestre>

2020 - **DO ROMÂNICO** (HD, 30', 202)

<http://lugardoreal.com/video/do-romanico>

2013 - **DESAFIOS** (HD, 83', 2013)

<http://lugardoreal.com/video/desafios>

2020 - **OURO DE LEI, histórias do ouro popular português** (HD, 110', 2013)

<http://lugardoreal.com/video/ouro-de-lei>

2012 - **BORDADO DE VIANA** (HD, 58', 2012)

<http://lugardoreal.com/video/bordado-de-viana-do-castelo>

2012 - **ÁGUAS EM CONTA** (HD, 52', 2012)

<http://lugardoreal.com/video/aguas-em-conta>

2012 - **S. JOÃO D'ARGA** (HD, 44', 2012)

<http://lugardoreal.com/video/s-joao-darga>
2012 - **ARGAÇO** (HD, 74', 2012)
<http://lugardoreal.com/video/argaco>
2010 - **ÁGUA-ARRIBA, histórias de barcos e homens** (DVCAM, 75' 2010)
<http://lugardoreal.com/video/agua-arriba-historias-de-barcos-e-homens>
2008 - **O VOO DO HUMBI-HUMBI** (DVCAM, 60', 2008)
<http://lugardoreal.com/video/o-vo-do-humbi-humbi>
2007 - **CAMINHU KU FUTURU** (DVCAM, 90', 2007)
<http://lugardoreal.com/video/caminhu-ku-futuru>
2007 - **MILHO À TERRA!** (DVCAM, 55', 2007)
<http://lugardoreal.com/video/milho-a-terra-1>
2020 - **O FOLE, um objecto do quotidiano rural** (DVCAM, 33', 2006)
<http://lugardoreal.com/video/o-fole-um-objecto-do-quotidiano-rural>
2003 - **CONTRA A CORRENTE** (DVCAM, 33', 2003)
<http://lugardoreal.com/video/contra-a-corrente>
1986 - **LA PLEINE LUNE** (França, 16 mm, 25'1986)
<http://lugardoreal.com/video/la-pleine-lune>
1983 - **MEMÓRIA DE UM BANHO SANTO** (S8, 30'1983)
<http://lugardoreal.com/video/memoria-de-um-banho-santo>
1982 - **MOUNA, UN D. QUIXOTE** (França, S8, 26', 1982)
<http://lugardoreal.com/video/mouna-un-d-quixote>